



A MULHER NO COMANDO DA EDUCAÇÃO RURAL PIAUIENSE: CASA-ESCOLA EM LAGOA GRANDE – PI – 1972 A 1984.

JÉSSIKA MARIA LIMA*

Para a construção desse trabalho foi necessário à utilização de fontes bibliográficas, o acervo particular do sujeito central do artigo e os relatos memoriais. Nossos entrevistados foram: a professora aposentada Joana de Jesus Lima (82 anos), a ex-aluna Carmeci de Jesus Sousa (57 anos).

A trajetória de vida de professores tem muito a dizer sobre a estrutura educacional e sobre a sociedade de determinado período. A biografia de docentes está intrinsecamente ligada à história da educação. De acordo com Jane Bezerra (2009: 46 apud Goodson 1995: 95):

Os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam com ao indivíduo. 'Histórias de vida' das escolas, das disciplinas, e da profissão docente proporcionariam um contexto fundamental. A incidência inicial sobre a vida de professores reconceptualizaria, por assim dizer, os nossos estudos sobre escolaridade e currículo (1995: 95).

As abordagens propostas por esta passagem visa dar enfoque a estudos relacionados à vida de professores, possibilitando um estudo mais aguçado sobre dada realidade. Ao analisarmos a trajetória da professora aposentada Joana de Jesus Lima, podemos explorar a forma em que a educação rural piauiense se desenvolvia e o modo da construção de sua formação docente.

O trabalho da memória tem destaque nessa pesquisa por ajudar a construir a biografia da professora Joana Lima. Rememorar é uma ação que se baseia em pontos de referência, são delimitadas noções de acontecimentos que se amarram a outros, colaborando para a narrativa exposta pelo entrevistado, “Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição” (BOSI, 1994: 39).

A memória é vida, são as percepções, valores que um grupo ou o indivíduo carrega consigo. A memória é a operação de constantes atualizações feitas no presente, é a releitura de fatos passados com olhares atuais, em contrapartida, a história é “uma operação profana, uma

* UFPI – Universidade Federal Do Piauí, mestranda no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil.

reconstrução intelectual sempre problematizadora que demanda análise e explicação, uma representação sistematizadora e crítica do passado” (SEIXAS, 2004: 41);

1. Nascimento e infância da Professora Joana Lima

No Piauí, na localidade Belém do Lobo em São João da Serra¹, nasceu no dia 08 de novembro de 1934. Filha do lavrador e criador de animais, Adilino José de Sousa e da dona de casa Josefa Maria da Conceição. Ela foi concebida no leito de sua casa amparada por uma parteira. Sua mãe deu a luz a quatro filhos, sendo ela a primogênita, todos ainda permanecem vivos.

A casa, onde viveu sua infância, era grande e possuía um quintal amplo, nesse espaço, atrás da casa tinha um beco do tamanho da largura da frente, bem comprido, e quando dava de tardezinha o gado passava por esse beco em direção ao curral que ficava do lado direito da residência. Existia também uma casa para armazenar os alimentos colhidos nas roças, como por exemplo: arroz, feijão, milho. Era costume fazer farinhas no período em que se dava a safra de mandioca, reuniões como essas aglomeravam várias pessoas para realizar melhor esse trabalho, e a partir disso produziam farinha e goma para o próprio consumo, além de plantar árvores frutíferas nas quais colhiam os em sua própria estação.

A infância da professora Joana Lima foi vivida em um ambiente rural de forma simples, ao lado dos seus irmãos, pais e amigos. O seu pai também criou um menino, Zé Mariano, para auxiliá-lo nos deveres pastoris. Sobre sua infância, a entrevistada relata o seguinte:

[...] Minha infância eu brincava, estudava, e eu gostei muito da minha infância, tinha muita coleguinha ia pra São João da Serra, só mesmo brincar e estudar, só. [...] não, eu vivia mais era na escola e a mamãe não chamava muito pra ajudar não, mas quando eu fiquei um pouquinho maior ela me ensinou bordar, costurar (LIMA, 2015).

Em geral, eram as tradicionais brincadeiras de roda, que segundo a professora Joana Lima, quando ela escuta essas mesmas musicas em CDs infantis lembra-se de sua saudosa infância.

¹São João da Serra é um município brasileiro no estado do Piauí, Distante da Capital Teresina, a 120 quilômetros, microrregião de Campo Maior. A cidade de São João da Serra localiza-se a uma altitude de 155 m. O município, com uma área total de 959,1 km², tem apenas 6 760 habitantes, o que corresponde a uma densidade demográfica de 7,05 h/km². Fonte: Wikipédia

Para Bosi:

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor (1994: 55).

Iniciou os estudos por volta dos oito anos de idade, cursou o primário na escola pública em São João da Serra, por conta disso, alojava-se na casa do Quinca Freire, um comerciante e amigo da família. Nessa escola, ela aprendeu além das noções básicas da alfabetização, também matérias de ciências sociais, ciências e bordado (porém, essas aulas eram designadas apenas para as meninas, pois ainda tinha o ideal de formar mulheres prenyadas e alfabetizadas). Essa escola funcionava numa casa alugada pela prefeitura, era bastante comum essa prática, visto que os municípios não tinham condições para a construção de prédios escolares.

A passagem dos anos compromete a memória, quanto maior o espaço de tempo, mais apagada ela vai ficando e evocar esses tempos se torna uma tarefa árdua. Algumas lembranças emergem sem tanta dificuldade, outras por mais que as instigue ficam guardadas, praticamente intocáveis, sem sabermos, muitas recordações que ficam na superfície acaba dificultando o acesso a outras lembranças mais profundas.

Para Bosi, “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (1994: 47).

Com dificuldade, Joana Lima conseguiu recordar algumas lembranças de sua infância, um período que marca a vida de qualquer pessoa é o tempo de escola. No caso dela o material didático que utilizavam nessa época era escasso, o caderno que usavam era produzido pelos próprios alunos, na qual pegavam folhas com pauta, dobravam e costuravam, no caso da professora Joana Lima a sua mãe cosia na máquina para ela.

A metodologia que as professoras utilizavam era uma carta de ABC, na qual os alunos liam essa cartilha, depois escreviam, um método caracterizado pela mecanização, um ensino marcado pela memorização. Outro tipo de atividade frequente eram os ditados, que era bastante recorrente em escolas rurais.

Aproximadamente em 1945, o senhor Adilino José de Sousa tomou a decisão de se mudar com sua família para Caiçarinha, lugarejo delimitada nos limites de Alto Longá. Nessa localidade, a professora Joana Lima e seu irmão Manoel Quirino deram continuidade aos seus estudos em uma escola particular em Bom Princípio, com o professor Pedro Gomes, a residência pertencia a Zé Moreira, lavrador e criador de animais, ele contratou esse mestre para alfabetizar seus filhos.

Como a residência onde funcionava essa escola era grande, Joana e seu irmão passavam a semana e só aos finais de semana retornavam para casa. O seu pai além de ajudar financeiramente, também contribuía com legumes. Foi nessa escola que a professora Joana Lima aprimorou os seus conhecimentos relacionados à matemática e a grafia, levou como modelo o professor Pedro Gomes para sua futura carreira como docente. Essa escola durou seis meses aproximadamente, visto que, o mestre permanecia no local até os alunos aprenderem o básico, ler, escrever e contar. Logo após esse período a professora Joana Lima parou de estudar.

A formação do seu saber docente foi construída a partir desses períodos em que teve a instrução básica, Joana Lima fez parte da classe conhecida como professores leigos, ou seja, eram docentes que não possuíam formação formal em Escolas Normais e tinham como referência mestres antigos. No Piauí, a presença dessas professoras foi intensa, principalmente no meio rural.

2. Juventude, casamento e filhos

A sua juventude foi breve, marcada pela rigidez do período. Em um tempo onde o namoro era caracterizado pelos olhares e só o fato de pegar na mão já indicava romance. Festa era uma vez ao ano, e esses encontros eram marcados geralmente pelo ritmo do forró, ocorriam na festa de algum compadre. Outro tipo de reunião eram as novenas realizadas pelos próprios moradores da região.

O casamento da professora Joana Lima ocorreu de maneira rápida. Aristides Alves Lima, que no período tinha 54 anos, era amigo da família e por coincidência do acaso se agradou da filha mais velha do senhor Adilino, então pediu a mão dela para o seu pai, ele concordou e informou a sua filha sobre os novos planos para ela, no início a professora Joana Lima apresentou resistência, porém, acabou aceitando o que lhe foi proposto. Segundo a nossa entrevista: “Papai disse que quando o Aristides viesse falar comigo eu deveria dizer sim, e aí foi isso, naquele tempo as coisas eram assim” (LIMA, 2015).

No dia 12 de setembro de 1950, a professora Joana Lima casou com Aristides Lima, a cerimônia foi realizada na sala principal da casa grande, na Lagoa Grande, quem realizou a consagração de casamento foi um juiz. Teve almoço em celebração do ato, nesse mesmo dia também se deram vários outros casamentos.

Essa nova senhora teve uma juventude efêmera, essa fase de sua vida foi encerrada com o seu casamento, tendo ela apenas 15 anos. Começa aqui uma fase de adaptação ao

casamento, ser uma dona de casa. O senhor Aristides era vaqueiro, trabalhava na fazenda Lagoa Grande, na qual tinha como proprietário o coronel Laurindo de Castro, dono também de outras propriedades. Uma vida basicamente rural, onde ele cuidava dos deveres mais pesados da fazenda na atividade de cuidar dos animais enquanto a professora Joana cuidava dos deveres domésticos. A maior parte da alimentação provinha do próprio trabalho no campo e um desses principais meios era a roça.

Quando eles se mudaram para a Lagoa Grande, residiram na casa principal da fazenda, pois tinha a responsabilidade de zelar por essas terras. A fase de adaptação ao casamento da professora Joana Lima contou com a ajuda de uma irmã do senhor Aristides Lima, essa mulher a ensinou fazer comida entre outros afazeres tudo que uma dona de casa precisava saber.

Não demorou muito para iniciar a sua vida como mãe, a professora Joana Lima teve dozes filhos, na qual três morreram ainda bebês, em 1951 teve a sua primeira filha Maria de Jesus, Júlio Lima (1950) era o mais velho, porém ele era filho apenas do senhor Aristides com outra mulher, mas a professora Joana Lima o adotou e faz parte da prole dos seus dez filhos, logo em seguida veio o Antonio Rocha Lima (1953), Manoel Lima (1958), Agenor Lima (1960), Mariana Lima (1962), Maria José (1965), Marleide Lima (1967), Salustriano Lima (1971) e Evandro Lima (1975).



Foto de Aristides Lima, Maria de Jesus e a Professora Joana Lima.
Retrato tirado em uma viagem a Canidé em 1955.
Fonte: Acervo familiar

É possível analisar na imagem um cenário simples e a disposição rígida dos personagens para a foto, é evidente a disparidade entre a idade dos conjugues. Esse era um dos momentos raro para um registro fotográfico.

Além do dever de criar os seus dez filhos, a professora Joana Lima encarou uma missão de criar dezoito filhos alheios, segundo ela os primeiros que ela começou cuidar foi

uma criança que ficou órfã e outros dois filhos de uma filha do senhor Aristides que se mudaram para a Lagoa Grande porque ela tinha se separado, mas a maioria dessas crianças a professora Joana Lima e seu marido criavam porque se tornaram órfãos e não tinham com quem ficar, afinal, eles se compadeciam da situação delas e assim foi crescendo o número de crianças que iam chegando por todo esse período que a ela morou na fazenda.

Mas ninguém ficava ocioso, os trabalhos eram divididos entre todos os moradores segundo sexo e idade, as meninas se encarregavam dos afazeres domésticos e os meninos dos deveres pastoris e de roça.

Segundo o depoimento de Carmecir Sousa, sobre essa questão ela retrata o seguinte:

[...] Ela dava conta do recado direitin, ela criou muito gente assim sem ser filho dela e a gente não via falar assim: ah dona Joana fez uma grosseria com o filho do outro lá, não, ela tratava todo mundo igual, né, era um mãezona, até onde eu saiba era igual (SOUSA, 2015).

Em 1975, a professora Joana Lima e o senhor Aristides Lima compraram a fazenda Lagoa Grande do doutor Franklin, herdeiro do coronel Laurindo de Castro, pela quantia de 15 milhão de cruzados, para conseguirem levantar essa quantia tanto os pais como os filhos venderam porcos, cabras e bois. Logo depois que se tornaram proprietários das terras demoliram a antiga casa da fazenda, pois já estava velha e a estrutura dela não agradava os novos donos, então eles construíram uma nova residência no estilo que os agradava e aproveitaram as telhas. E até os dias de hoje ela permanece. Sobre a sua vida de dona de casa, a Professora Joana Lima comenta:

Foi um grande trabalho com sucesso, porque tive muito filho criei os meus e os alhei, foi dezoito filho alhei, né, eu me dava bem com o meu marido, apesar dele ser velho ele gostava muito de mim, tinha acordo comigo, me obedecia e deu certo (LIMA, 2015).

É interessante salientar, que por mais que vivesse em uma sociedade patriarcal, a professora Joana Lima se casou muito nova, no auge dos seus 15 anos com o senhor Aristides de 54 e anos, não demorou muito tempo para que ele chegasse a categoria de idoso, então era normal ele obedecer sua esposa por conta da sua idade avançada.



Foto da casa da professora Joana Lima em Lagoa Grande
Fotografia tirada em novembro de 2014.
Fonte: acervo particular de Jéssika Lima.

3. Trajetória da carreira de professora

A necessidade por professores sempre foi grande, a taxa de analfabetismo no Brasil era alarmante, era comum segundo a professora Joana Lima ver idosos sem ao menos saber escrever o próprio nome, essa realidade na verdade era vertical, atingia desde crianças a adultos. Segundo o senso do IBGE em 1970 a taxa de analfabetismo no Brasil era 33,7%, um número considerável.

E foi assim que a professora Joana Lima se sensibilizou com aquela situação de muitas crianças. Em um tempo na qual quem sabia ler, escrever e contar era privilegiado, ela era a pessoa mais capacitada para começar esse trabalho como educadora, toda a sua bagagem de conhecimento não poderia ficar guardada apenas para si, enquanto muitos necessitavam ser alfabetizados.

Os motivos pelos quais a maioria dessas crianças estavam impedidas de estudar era a distancia das escolas, uma das mais próximas era localizada no povoado de Novo Santo Antônio e no período chuvoso se tornava mais dificultoso trafegar por esses caminho. A solução mais cabível veio à mente da professora Joana Lima quando teve a ideia de ceder um espaço da sua casa para a escola e ela mesma ensinar, segundo ela, Aristides concordava com a casa-escola, pois sempre que ela queria fazer alguma coisa combinava com o seu marido. Porém, ela precisava da ajuda política para dar vida a sua ideia, então ela foi a Alto Longá e interveio com o Pedro Henrique, que era o prefeito da época, e com a ajuda dele a casa como escola foi oficializada, segundo a professora Joana Lima o nome da escola era Rui Barbosa. Geralmente a forma que se dava a contratação de professores leigos atendia a um jogo de interesse político, no caso relatado, o município atendeu a carência de escola nessa região e em contrapartida, era natural que a população votasse nele nas próximas eleições. Vilanova (2014: 101) destaca que “a prática de contratação de professores leigos para o ensino

primário, por meio de apadrinhamento político como fatores marcantes no panorama educacional piauiense”.

Depois desses tramites resolvidos ainda restava avisar aos pais sobre a novidade que estava chegando:

[...] Aaaah, botei a sela num cavalo e andei em todas as casas quando eu não ia eu mandava um recado por um menino, que eu criava muito menino, né, mandava um recado diga ao cumpade fulano que quero falar com ele vem cá e os outros eu ia na casa deles (LIMA, 2015).

A casa-escola começou a funcionar em meados dos anos de 1972, muito simples, porém, acolhedora. A relação entre professor-aluno era muito saudável e respeitosa, sempre que a professora Joana Lima fala sobre esse assunto ela trata isso com um tom nostálgico.

As quatro séries funcionavam em uma mesma sala, ou seja, classes multisseriadas, enquanto isso a professora Joana Lima se desdobrava para conseguir atender a todos, enquanto passava uma cópia para os alunos de segundo ano, colocava atividades de matemática para alunos de quarto, fazia ditados para alunos de terceiro e para os alunos de primeiro ano que eram os que ainda estavam aprendendo as primeiras letras ela copiava no caderno deles. Uma sistemática que demandava agilidade para dá assistência a todos. Porém, para ajudar em seu trabalho às vezes pedia a alunos que já estavam mais adiantados para atender outros mais atrasados. Esse método é conhecido como lencastriano², visava otimizar o tempo.

O que mais dificultava o seu trabalho de professora era quando não tinha quadro, depois de certo tempo ela conseguiu fundos para mandar fazer. O material didático era escasso, pois não existia políticas sociais para atender essas necessidades, o caderno muitas vezes era improvisado com um papel que os alunos conseguiam em comércios nos quais era destinada a embrulhar a mercadoria, a borracha que a professora Joana Lima comprava era socializada com todos em sala.

²Uma metodologia bastante utilizada na Europa que tinha como viabilizar de maneira rápida e eficiente o ensino, esse método foi criado por Joseph Lancaster, que recebeu o seu nome em sua homenagem, já que ele foi inventado por ele.



Foto da sala onde funcionava a escola.
Fotografia tirada em novembro de 2014.
Fonte: Acervo particular de Jéssika Lima

Como podemos observar na imagem, a estrutura da sala era simples, possuía um quadro que auxiliava a professora nas atividades diárias, o espaço é perceptivelmente pequeno.

Havia atividades voltadas para datas festivas, a professora Joana Lima incentivava a ter o costume de cantar o hino Brasil e Piauí, isto revela seu patriotismo. Marca bastante característico do período militar brasileiro, na qual imbuíam os ritos escolares de simbolismo nacionais. Era uma escola simples e ensinava o básico da alfabetização os instruía a ler, escrever e contar. Um material bastante utilizado era a cartilha.

Os alunos frequentantes dessa escola viviam próximos a Lagoa Grande e possuíam uma vida no estilo rural, plantavam, cuidavam de animais e os mesmos ajudavam nessas tarefas. A faixa etária desses alunos era em média de 8 a 12 de idade.

Em 1980, a professora Joana Lima iniciou o Logos II, curso destinado a professores leigos no qual os capacita a quem já estava em exercício de sala de aula, as avaliações eram feitas através de módulos e o ensino era à distância. Ela fazia esse curso em Alto Longá, se formou em meados 1984.

Dois projetos de capacitação que merecem destaque e que foram desenvolvidos na década de 1970 foram o LOGO I (voltado para a capacitação e habilitação de profissionais com um ensino equiparada ao antigo ginásio) e o LOGOS II (capacitação direcionada a professores leigos para habilitá-los sua atuação no ensino primário, ou seja, a quatro primeiras séries), Rodrigues (1999: 35) evidencia que, “com base na experiência do projeto LOGOS I, o MEC, em convênio com as Unidades Federadas, elaborou e implantou o Projeto LOGOS II, com metodologia personalizada através de módulos”, ou seja, configurados em etapas, e funcionavam no formato a distância, os polos de ensino situavam-se nas principais cidades do Piauí.

O grande número desses profissionais leigos gerou debate e elaboração de medidas para qualificar esses docentes. Vilanova (2014: 49) destaca que em 1958 o número de professores leigos na zona rural era de 1.378, representando cerca de 74,1% e 68% em todo o estado. É evidente a predominância desses profissionais no ensino, eles também atuavam na capital, porém, em menor quantidade, visto que, o número de normalista era superior. Rodrigues (1999: 46) aponta que, “em 1974/75 o PROCARTA (Projeto da Carta Escolar), diagnosticou, no Piauí, sete mil professores leigos”.

A maioria desses professores leigos eram mulheres, o que revela uma feminização do magistério. A grande predominância das mulheres no magistério se justifica pelo baixo salário, ou seja, uma forma apenas de complementar a renda familiar e também apresentava-se como uma oportunidade de entrar no mercado de trabalho, principalmente porque no meio rural tem poucas funções públicas destinadas ao público feminino, considerado também um emprego socialmente aceitável. Existiam discussões sobre a feminização do magistério, na qual, classificavam a mulher como uma figura mais adequada na educação dos alunos, isso se justifica pelo seu lado materno, como também pela docilidade. Castelo Branco (2005) aborda que o magistério era uma missão patriótica, pois a mulher tinha a incumbência de educar os futuros cidadãos, destaca ainda, que o ideal fosse que continuassem solteiras, visto que havia uma incompatibilidade entre o magistério e a maternidade, podendo afastá-las da docência.

O senhor Aristides Lima sofreu um acidente fatal, ele ficou sabendo que uma de suas roças forradas estava em chamas então ele foi para o local de cavalo tentar salvar as cabras que estavam presas no lugar, ele conseguiu soltá-las, mas algo infortúnio aconteceu ele caiu do cavalo e a professora Joana Lima percebendo a demora mandou alguém lá verificar, logo ela ficou sabendo do ocorrido, o resgataram, porém ele estava com várias partes do corpo queimadas, ele não resistiu e faleceu no dia 18 de agosto de 1980.

Em meados de 1984, a professora Joana Lima se mudou com os seus dois filhos Salustriano e Evandro para a cidade de Alto Longá. Por mais que ela gostasse da Lagoa Grande, esse ambiente tinha se tornado solitário, todos os filhos de sangue e de criação foram embora aos poucos restando apenas dois, a perda do seu marido também contribuiu para essa decisão de mudança.

Em Alto Longá ela foi morar em uma casa que a princípio sua filha Mariana comprou com o propósito de abrigar sua mãe seus irmãos. Anos depois a professora Joana Lima comprou a casa de sua filha. Nessa nova cidade ela continuou o seu legado como professora, e conseguiu sua transferência do interior para lá, prosseguiu trabalhando em escolas do município.

A adaptação foi mais prática, continuou utilizando a mesma metodologia que era aplicada na casa como escola, as turmas eram distribuídas em salas próprias, ou seja, não era multisseriada, o que facilitava o trabalho como docente. A maioria das séries que ela trabalhou era de segunda e terceira séries, ministrava aulas de todas as disciplinas, o seu horário eram dois expedientes, manhã e tarde.

Pelo município a professora Joana Lima trabalhou na LBA, era uma espécie de arquivo municipal, na qual ela era encarregada de repassar material didático para as escolas do município. Assumiu cargo na Escola Acrísio Veras e também foi contratada pelo estado para trabalhar na escola Sebastião Vieira de Alencar, nessas instituições ela sempre se encarregava do antigo primário.

Ao todo foram trinta anos como professora pelo município, ela não se recorda por quanto tempo trabalhou pelo estado, porém afirma que foram poucos anos. Com tantos anos de trabalho cumprido com sucesso é interessante ouvirmos o que ela tem a dizer:

[...] O que eu digo que o professor é uma pessoa que transmite o que sabe para o que não sabe, eh, e aquilo é dele e ele não dá para ninguém, dá assim se a pessoa quiser aprender, mas quando morrer leva não pode deixar pra ninguém, eu gostei de ser professora, eu gostava da sala de aula, gostava dos trabalhos, completou o tempo e eu cheguei o tempo de sair eu saí, mas eu gostei [...] sempre fui feliz, sempre fui vista, fui aceita no grupo, na sala, nos trabalhos, nas apresentações, eh, eu gostei (LIMA, 2105).

O seu trabalho como educadora se findou, como todos os seus filhos foram embora ela sempre necessitou da companhia de moças para morar com ela e auxiliar nos afazeres domésticos. Por muito tempo Alto Longá foi o seu encanto e até os dias atuais continua sendo. Era amiga da vizinhança, nesse ambiente ela reforçou laços e fez novos.

Ela pensou que fosse viver os seus últimos dias em Alto Longá, porém, resolveu morar em Novo Santo Antônio por insistência de alguns filhos com o argumento de que nessa nova cidade ela ficaria mais perto de seus dois filhos Agenor Lima e Manoel Lima, com muita resistência ela aceitou e mandou construir a sua casa no dia 01 de março de 2015 ela se mudou para esse município, ela diz gostar desse novo ambiente mais ainda não está completamente acostumada.

Para encerrar esse capítulo, gostaria de expor uma frase que sempre a ouço falando:

Com todo trabalho quando eu comecei a criar os filhos alheios e os meus, dava trabalho muito trabalho, eu pedi Oh meu Deus deixa eu criar meus filhos porque é sofrimento um filho se criar sem a mãe que eu vou criar os filhos alheios com zelo, eu vou zelar por eles, aí quando eu criei os filhos alheios e os meus filhos aí eu disse: Senhor Deus obrigada meus filhos tão criados, me acertei com ele como se eu tivesse fazendo assim um ajuste de conta, né, mas eu quero mais meu Deus deixa eu ver os filhos

dos meus filhos, então Deus me concedeu vida pra mim ver os filhos dos meus filhos e eu agradei também, Senhor obrigada porque eu tou vendo os filhos dos meus filhos e agora eu estou disposta, não sei se tou preparada mais seja até o que Deus quiser. Dentro desse tempo todo que foi muitos anos deu tempo eu sofrer, eu sorrir, eu chorar, eu cantar e deu tempo também eu gozar da vida toda e eu agradeço a Deus (LIMA, 2015).

Segundo Bosi, “A idade madura se encerra com a frase que se resume a árdua criação dos filhos. E, finalmente, a idade de contemplação e do sossego é expressa” (1994: 416). O que resume bem essa última fala da professora Joana Lima.



Foto de Ilda, professora Joana Lima, Mazé Sales e Carmecir Sousa, três ex-alunas do período da casa como escola.
Fotografia tirada em novembro de 2014, comemoração do aniversário de 80 anos da professora Joana Lima.
Fonte: Acervo particular de Jéssika Lima.

4. Conclusão

Construir a trajetória da professora aposentada Joana Lima é entender a conjuntura educacional e social de sua época, na qual permite denotar as mazelas, as fragilidades as permanências e evolução da educação piauiense. É possível analisar as condições que mantinham a presença de professores leigos, e os programas que foram fomentados para sanar a fragilidade na formação desses profissionais, a exemplo disso, foi citado no decorrer do artigo o LOGOS I e LOGOS II destinado para a capacitação dessas docentes.

Através de sua biografia é possível observar as práticas educacionais empregadas no período e que fazia parte de uma realidade geral. A questão da feminização do magistério se apresenta de forma bastante pertinente.

5. Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais**: a condição feminina na Primeira República. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

COSTA, Alcebíades Filho. **A escola do sertão**: ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

RODRIGUES, José Ribamar Tôres. **Educação além do asfalto**: um estudo sobre as concepções e práticas do professor leigo rural. Teresina: EDUFPI, 1999.

SANTANA, Maria do Perpetuo Socorro Castelo Branco. **A constituição da rede escolar e a prática das professoras primárias na zona rural do Piauí nos anos de 1940 a 1970**. 2011. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Piauí, 2011. Site <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/DISSERT%20Socorro%20Santana.PDF>.

SEIXAS, J. A. de. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, S. (Org.) **Memória e (Res)Sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. São Paulo: EDUNICAMP, 2004. p. 37–58.

SOUSA, Jane Bezerra de. **Ser e fazer-se professora no Piauí no século XX: a história de vida de Nevinha Santos**. 2009. 236 f. Dissertação, Universidade Federal de Uberlândia, 2009. Site <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/histedbr/article/viewFile/3789/3205>,

VILANOVA, Francisco Gomes. **Memórias de professoras piauienses: itinerários escolares e experiências docentes (1940-1970)**. (Dissertação de Mestrado) 149 f. Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2014. <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/DISSERTAÇÃO%20COMPLETA%20-%20FRANCISCO%20GOMES%20VILANOVA.pdf>

6. Entrevistas

ENTREVISTAS Entrevista concedida por LIMA, Joana de Jesus. [Abril de 2013]. Entrevistadora Jéssika Maria Lima. Alto Longá, 2013.

_____. [Julho de 2015]. Entrevistadora Jéssika Maria Lima. Novo Santo Antonio, 2015.

Entrevista concedida por SOUSA, Carmecir de Jesus. [Janeiro de 2015]. Entrevistadora Jéssika Maria Lima. Novo Santo Antonio, 2015.